

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

ANDRÉA GONÇALVES FERREIRA RAMOS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
Uma prática a ser valorizada na Educação Infantil

BELO HORIZONTE

2015

ANDRÉA GONÇALVES FERREIRA RAMOS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:

Uma prática a ser valorizada na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de especialista em Docência na Educação Infantil pelo curso de Pós Graduação Latu Sensu em Docência na Educação Infantil Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Patrícia Barros Soares Batista

BELO HORIZONTE

2015

ANDRÉA GONÇALVES FERREIRA RAMOS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:

Uma prática a ser valorizada na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de especialista em Docência na Educação Infantil pelo curso de Pós Graduação Latu Sensu em Docência na Educação Infantil Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Patrícia Barros Soares Batista

Aprovado em 28 de novembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Patrícia Barros Soares Batista - Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG

Maria Carolina da Silva Caldeira - Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG

BELO HORIZONTE

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao supremo Deus pelo dom da vida e por mais esta conquista.

Ao meu marido que sempre está ao meu lado, aos meus filhos por fazerem parte desta história, e, em especial, à Aninha que dedicou parte do seu tempo me auxiliando com a formatação dos trabalhos.

À minha querida orientadora, Patrícia Barros, pela sua dedicação.

Às minhas colegas de trabalho, que aceitaram o desafio de participarem do presente estudo e colaboraram para sua realização.

Às minhas colegas de sala, pelo companheirismo.

Aos irmãos da igreja, em especial, da SAF (Sociedade Auxiliadora Feminina), que me apoiaram em oração.

RESUMO

Diante da ausência da prática de contação de história que existia no Centro Infantil Municipal Criança Esperança (CIMCE), localizado no município de Betim/MG, surgiu o desejo de investigar os possíveis motivos das educadoras de não investirem, ou investirem pouco no hábito de contar histórias. O objetivo deste estudo é demonstrar as professoras do CIMCE o importante papel que a contação de histórias exerce no desenvolvimento da criança e propor técnicas e sugestões para a contação de histórias em suas aulas, por ser esta prática uma forte maneira de desenvolver nas crianças a imaginação, criatividade, atenção contribuindo, também, para um melhor desenvolvimento cultural. Com este estudo, espero poder conscientizá-las e encorajá-las a fazer da contação de histórias uma prática cotidiana. Busquei, com o presente trabalho, responder às seguintes questões: “Por que a prática de contação de histórias é pouco comum no CIMCE?”, “Quais são os usos feitos do cantinho da leitura?”, “Quais as experiências das educadoras em relação à arte de contar histórias?”, “Qual é o repertório de histórias disponibilizado às crianças?”, “Como a escolha desse repertório se dá?”.

Palavras chave: contação de história; educação infantil; incentivo às professoras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cozinha	12
Figura 2: Entrada da secretaria da creche	12
Figura 3: Pátio	12
Figura 4: Entrada das crianças.....	12
Figura 5: Corredor que dá acesso as salas de aula.....	13
Figura 6: Caixoteca.....	15
Figura 7: Local onde a caixoteca é guardada	15
Figura 8: Outro local onde a caixoteca é “guardada”	15
Figura 9: Cantinho da Leitura 1	17
Figura 10: Cantinho da Leitura 2.....	17
Figura 11: Autora contando histórias	29
Figura 12: Autora e colegas encenando história.....	29

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	7
2. O CENTRO INFANTIL MUNICIPAL CRIANÇA ESPERANÇA	11
2.1Os caminhos da pesquisa	14
3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: BREVE HISTÓRICO.....	18
3.1 A criança e a fantasia: passado e atualidade, histórias sempre presentes.....	19
3.2A importância da contação de histórias na Educação Infantil.....	21
3.3 Métodos facilitadores ou impulsionadores da contação de histórias	25
4VIVENCIANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	33
ANEXO – Livro impresso e entregue às professoras	34

1.INTRODUÇÃO

Nasci na cidade de Belo Horizonte/MG e cresci no centro do bairro Barreiro de Baixo. Minha infância foi bastante difícil, pois, aos oito anos de idade, tive que assumir toda a responsabilidade por meu irmão mais novo, portador da *Síndrome de Down*, já que nossa mãe o rejeitou. Além de não poder usufruir de uma infância de brincadeiras e oportunidades, tive uma adolescência cheia de grandes responsabilidades como dona de casa. Minha mãe estava doente e eu era responsável por cuidar de um lar composto por quatro irmãos homens, sendo um, com *Síndrome de Down*.

Hoje sou casada e resido na cidade de Sarzedo/MG. Tenho três filhos, sendo um casal de filhos biológicos e o meu irmão, um filho do coração. Como não tive oportunidade de continuar os estudos na idade “própria” devido às responsabilidades domésticas e também às condições financeiras que não permitiam, depois de casada resolvi voltar a estudar com o apoio do meu marido e concluí o curso de magistério no ano de 1996.

Durante os dez primeiros anos após conclusão do magistério não exerci “oficialmente” a profissão. Nesse período, atuava como professora na igreja de Escola Dominical e participava de eventos como EBF (Escola Bíblica de Férias), acampamentos, intercâmbios com crianças de outras igrejas etc. Estas atividades contribuíram para despertar em mim um desejo de me tornar uma professora “oficial” que agiria como mediadora na formação de cidadãos.

Em 2006, tive a oportunidade de começar a trabalhar em escolas municipais de Sarzedo, atuando nas séries iniciais do Ensino Fundamental, como contratada. Em 2009, fui transferida para um prédio de Educação Infantil, no qual trabalhei com crianças de três a cinco anos, adquirindo uma experiência valiosa com os pequeninos. Entrementes, cursei graduação em Pedagogia, tendo concluído o curso em agosto de 2010.

Em 2011, participei do concurso na cidade de Betim/MG, concorrendo a uma vaga para trabalhar com Educação Infantil. Fui nomeada em abril de 2012 e permaneço atuando na rede municipal de Betim até a presente data, adquirindo mais experiências e também me esforçando para me tornar uma educadora cada dia mais competente e eficiente no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, desempenhando minhas funções com dedicação, buscando levar resultados positivos para os alunos e toda a instituição.

Por meio da prefeitura de Betim, tive a oportunidade de participar do processo seletivo da Universidade Federal de Minas Gerais para realizar o curso de Especialização em Docência na Educação Infantil na Faculdade de Educação. Fui selecionada e aqui estou radiante e com muita vontade de aprender, desenvolver e aperfeiçoar meus conhecimentos.

Assim, este estudo tem origem na inquietação que sentia ao observar que a prática de contação de história que existia no cotidiano da instituição na qual trabalho, o Centro Infantil Municipal Criança Esperança (CIMCE), localizado no município de Betim/MG, era pouco presente. A instituição atende cento e quatorze crianças de zero a cinco anos de idade em período integral, provenientes de famílias de baixa renda, algumas tendo como única fonte de renda os auxílios governamentais, ou seja, famílias vulneráveis econômica e socialmente.

A partir de diferentes vivências nesse ambiente, identifiquei que o ato de contar histórias, quando realizado, muitas vezes carece de um maior planejamento. Percebia que lá as professoras têm certa dificuldade em realizar a prática da contação de histórias. Além disso, percebia que o “cantinho da leitura”, local reservado na instituição e repleto de livros à disposição das crianças, onde elas deveriam manusear e conhecer os livros, era pouco usado. A meu ver, este é um problema, pois os livros infantis são o primeiro contato do indivíduo com a literatura e a leitura, sendo esta primeira experiência de suma importância para sua formação leitora, já que o livro infantil é um dos objetos culturais que aproximam a criança do universo literário e amplia de modo significativo, seu conhecimento de mundo.

A escolha pelo tema “Contação de Histórias” para realizar o TCC se deu pela paixão que tenho em contar histórias. Cada um dos olhares brilhantes que as crianças manifestam ao ouvi-las move em mim o desejo de expandir essa prática no ambiente escolar. Pude perceber estas manifestações trabalhando com as crianças na igreja, quando profissionais da área da educação também nos ajudavam com serviços voluntários levando fantoches, teatros com marionetes tudo aquilo não só encantava as crianças como também me encantava, despertando dentro em mim um mundo mágico, cheio de contos e imaginações, que fora sufocado em minha infância.

Ao longo de minha jornada, fui, então, percebendo que a contação de histórias é uma forte maneira de desenvolver nas crianças a imaginação, criatividade, atenção contribuindo, também, para um melhor desenvolvimento cognitivo. Considerando que o tema do TCC deve partir de algo que nos instiga, a percepção inicial em relação à ausência de contação de histórias que existia entre todas as professoras do Centro Infantil Municipal Criança Esperança, meu local de trabalho, realmente vinha me inquietando. Como, atualmente estou

atuando como tesoureira do CIMCE, não trabalhando com apenas uma turma, tenho mais oportunidades de me envolver com toda a instituição percebendo assim tal carência.

A partir daí, senti o desejo de investigar os possíveis motivos das educadoras de não investirem, ou investirem pouco, no hábito de “mergulhar no maravilhoso mundo da contação de histórias”, prática que pode muito contribuir na formação das crianças. Com este estudo, espero poder conscientizá-las e encorajá-las a fazer da contação de histórias uma prática cotidiana.

Busquei, com o presente trabalho, responder às seguintes questões: “Por que a prática de contação de histórias é pouco comum no CIMCE?”, “Quais são os usos feitos do cantinho da leitura?”, “Quais as experiências das educadoras em relação à arte de contar histórias?”, “Qual é o repertório de histórias disponibilizado às crianças?”, “Como a escolha desse repertório se dá?”.

Para tanto, foram utilizados como instrumentos metodológicos a observação, registro de notas no caderno de campo, no intuito de gerar dados para análise e compreensão do tema em questão, de modo a verificar como as professoras da Educação Infantil lidam com a prática de contação de histórias em uma escola pública de Betim/Minas Gerais e, se valorizam ou não essa ação como uma ferramenta pedagógica. O objetivo deste estudo é, então, demonstrar especialmente para as educadoras do Centro Infantil Criança Esperança, a importância das histórias contadas na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança.

Atuo na referida escola desde o ano de 2012. Hoje, exerço a função de tesoureira da instituição, o que não permite uma aproximação direta com os alunos, mas, há sempre um grande desejo de trabalhar com as crianças pequenas, principalmente com a contação histórias. Por isso, sempre que surge uma oportunidade de atuar diretamente com elas, aventuro-me a adentrar, como sempre gosto de dizer, no “mundo maravilhoso” da contação histórias e me sinto realizada ao perceber que assim posso contribuir de algum modo, na formação dos pequenos.

Considero a contação de histórias como uma ferramenta de suma importância para o desenvolvimento infantil. Pois, “as histórias são verdadeiras fontes de sabedoria que tem papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores.” (BUSATO, 2006, p.21). Portanto o hábito de contar e ouvir histórias desde cedo, pode muito ajudar na formação de identidades. Essa relação entre contador de histórias e ouvintes permite estabelecer uma rica troca que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva desses pequenos ouvintes se manifeste.

Espero com este trabalho auxiliar na conscientização das professoras do Centro Infantil Municipal Criança Esperança sobre o importante papel que a contação de histórias exerce no desenvolvimento da criança.

Ademais, viso contribuir para uma maior compreensão da realidade vivenciada pelas professoras, suas dificuldades e limitações que impedem o exercício pleno da contação de histórias, de modo a fomentar práticas que estimulem os profissionais da Educação Infantil a desenvolver habilidades que potencializem tal ação no ambiente escolar.

2. O CENTRO INFANTIL MUNICIPAL CRIANÇA ESPERANÇA

Em 1994, um grupo de moradores que participava da pastoral da criança da Igreja Católica da região do bairro Bandeirinhas na cidade de Betim, MG concluiu que a prioridade seria a construção de uma creche, o que culminou com a fundação da Creche Comunitária Criança Esperança em 15 de junho de 1998.

No início de 1999, foi celebrado junto a Associação de Proteção à Maternidade, Infância e Velhice (APROMIV) um convênio que garantiu aos trabalhadores da creche a formalização de seus empregos, com assinatura na Carteira de Trabalho e Previdência Social e recebimento de um salário mínimo mensal. Em 2010, a creche passou a ser de responsabilidade do município de Betim, adquirindo uma nova nomenclatura.

O Centro Infantil Municipal Criança Esperança está localizado no bairro Bandeirinhas em Betim/MG e atende crianças deste bairro e do bairro vizinho, Cidade Verde. O Centro Infantil Municipal localiza-se numa região periférica do município de Betim, cujo risco social se insere em diversos aspectos, como forte presença do tráfico de drogas, iminente índice de violência e pobreza. Conforme se verifica no PPP da instituição, a renda da população atendida pelo CIMCE é predominantemente baixa, não ultrapassando um salário mínimo, existindo muitas famílias dependentes até exclusivamente dos programas de assistência social do governo, como Bolsa Família e fornecimento de cestas básicas.

Tendo em vista a característica da população, a creche conta com a parceria constante do Centro de Referência em Assistência Social - CRAS -e do Conselho Tutelar. A instituição visa resguardar o direito da criança à educação, promovendo o seu desenvolvimento nos aspectos cognitivos, sociais, culturais, afetivos, intelectuais e morais, respeitando, sem qualquer distinção, todas que chegam até a creche requerendo uma vaga. O ingresso dos alunos é feito mediante matrícula, que respeita criteriosamente uma lista de espera, excetuando os encaminhamentos de alunos realizados pelo Ministério Público. Este encaminhamento, quando solicitado pelo MP, refere-se às crianças da região que se encontram em alguma situação de risco, expostas a fatores que possam ser prejudiciais ou ameacem seus direitos fundamentais. Nesses casos, mesmo que não haja vaga regulamentar, a criança é aceita na escola, eis que a matrícula na instituição de ensino se apresenta como medida protetiva a estas crianças.

A creche possui 14 docentes e 114 crianças matriculadas, distribuídas em 5 salas de aula de acordo com as faixas etárias. Assim, há o berçário, que abrange as crianças de quatro

a onze meses de vida, as turmas Creche 1, Creche 2 e Creche 3, que são formadas por alunos de um, dois e três anos de idade, respectivamente. Por fim, há as turmas denominadas Pré-escola 1 e Pré-escola 2, sendo a primeira formada por alunos de quatro anos de idade e a segunda formada por alunos de cinco anos de idade. Ressalto que estas nomenclaturas são dadas às turmas, conforme o documento: LDBEN- Lei 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu artigo 30. Parágrafos I e II.

A estrutura física da instituição é composta por cozinha, despensa alimentar, refeitório, secretaria, um banheiro para funcionários, um banheiro masculino e um feminino para alunos e parquinho com jardim. Não há biblioteca, mas há um cantinho improvisado de leitura com um pequeno acervo.



Figura 1: Cozinha
Fonte: Foto tirada pela autora



Figura 3: Pátio
Fonte: Foto tirada pela autora

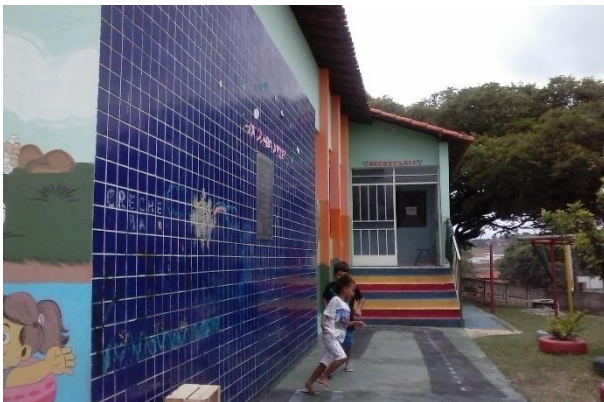


Figura 2: Entrada da secretaria da creche
Fonte: Foto tirada pela autora



Figura 4: Entrada das crianças
Fonte: Foto tirada pela autora



Figura 5: Corredor que dá acesso as salas de aula
Fonte: Foto tirada pela autora

A creche atende crianças de zero a cinco anos de idade, provenientes das mais variadas estruturas familiares: algumas crianças são criadas apenas pela mãe, pelos avôs ou tios. As famílias também são grandes, tendo uma média de três a quatro crianças por núcleo familiar. Para o atendimento das crianças, as educadoras contam com recursos didático-pedagógicos que compreendem livros de literatura infantil, cinco televisores, cinco aparelhos de DVD, um som, um computador. O horário de funcionamento é de 07: 00 às 17:00 horas.

O regime de trabalho das funcionárias é de oito horas diárias, sendo organizados em dois diferentes horários: um grupo de funcionárias trabalha de 07:00 às 16:00 horas e outro grupo de funcionárias trabalha de 08: às 17:00 horas. Estas profissionais são educadoras infantis e serventes escolares, sendo estas últimas funcionárias terceirizadas pelo município. As educadoras são vinculadas diretamente à municipalidade, seja por meio de contratos ou efetivação por concurso público.

Sete das quatorze educadoras possuem apenas o curso de magistério e três fizeram esse curso em turmas fornecidas pelo próprio município de Betim muito antes da disponibilização do edital do último concurso, visando formar profissionais na própria cidade para preencherem as vagas. Por este motivo, o curso teve duração de apenas um ano. Outras sete profissionais possuem graduação em Pedagogia.

2.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA

O presente trabalho se baseou em observações do cotidiano escolar com anotações das informações relevantes para minha investigação no caderno de campo. Para tanto, foram realizadas conversas informais com as educadoras das turmas Creche 3 A e 3 B, registradas de forma escrita e as observações foram realizadas durante os meses de maio, junho, agosto e até 18 de setembro de 2015. O foco da investigação foi a contação de histórias, seja ela por meio de histórias de livre escolha, seja pela adaptação de contos ou pelas narrativas de tradição oral. O objetivo desta investigação foi identificar se esta prática era presente ou não na rotina das turmas e, nas turmas em que havia contação de histórias, como ela se dava.

Nos primeiros meses da observação foi possível perceber que a contação de histórias era esporádica, acontecia de maneira irregular e não fazia parte da rotina das turmas; quando as professoras se valiam desta prática educativa a utilizavam sem uma aparente explicitação de organização com objetivos didáticos. Pareceu-me que esses momentos visavam apenas preencher uma janela de horário que havia sobrado no planejamento das professoras.

Na medida em que a observação se desenvolvia, notei a mudança na postura das professoras diante das ações envolvendo a contação de histórias, especialmente por saberem da realização desta investigação. Passei a ser frequentemente convidada pelas educadoras para assistir a contação de histórias em suas salas, para que assim, suponho eu, me fosse oferecido “mais material para a pesquisa”.

Na escola existe a caixoteca, um projeto promovido pela coordenadora da instituição com o objetivo de instigar as educadoras a praticarem a contação de histórias. Cada sala de aula há uma caixa decorada cheia de livros infantis selecionados para uso das professoras no horário de contação de histórias de acordo com o cronograma semanal. Mas, conforme pude observar nesta investigação a caixoteca é pouco usada por essas professoras.



Figura 6: Caixoteca
Fonte: Foto tirada pela autora

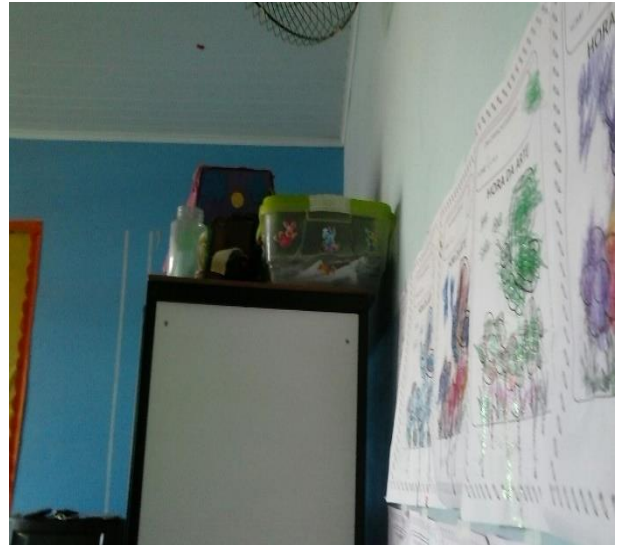


Figura 7: Local onde a caixoteca é guardada
Fonte: Foto tirada pela autora



Figura 8: Outro local onde a caixoteca é “guardada”
Fonte: Foto tirada pela autora

Por um lado, a partir das observações realizadas, a intervenção das professoras junto às crianças das salas de Creche 3A e 3B foram sendo modificada. As educadoras foram sendo incentivadas a contarem histórias para suas turmas, incluindo esta prática em seu planejamento pedagógico e não a utilizando como mero passatempo para preencher lacunas nos horários.

Por outro lado, observei pouca interação das crianças com os livros, bem como dificuldades para elaboração da fala e pequena concentração e atenção dos alunos na realização das atividades propostas. Foi possível notar, também, que nas salas em que havia alguma prática da contação de histórias ela se dava de forma aleatória, sem o devido planejamento, sendo tratada como uma simples forma de passar o tempo com os alunos em sala de aula, quando o conteúdo programado não foi suficiente para preencher a carga horária. Por se tratar de duas educadoras por turma, enquanto uma dava o banho em uma turma de

alunos da classe, a outra contava histórias para os outros, apenas esperando que os demais alunos e a outra docente retornassem.

Foram realizadas observações pontuais do cotidiano da(s) turma(s) sendo possível perceber algumas dificuldades encontradas pelas professoras que, de certo modo, inibiam a prática planejada da contação de histórias.

O primeiro obstáculo percebido foi a carga horária extensa de 8 horas diárias, que acarretava um desgaste físico bastante visível, o que colaborava para certa indisposição das educadoras, atrapalhando o trabalho com as crianças, que não se dava de forma entusiasmada. As próprias educadoras relatavam ser este um problema não só na contação de histórias, mas o apresentavam como um obstáculo para a realização do trabalho docente como um todo.

Outro dificultador observado foi o acelerado curso de Magistério que fora ofertado no município de Betim, em apenas um ano, para a formação das professoras. Percebi que este curso, de prazo extremamente curto, não foi suficiente para embasar a formação de maneira sólida, de algumas profissionais que também atuavam no CIM Criança Esperança. Apesar de este ponto não ter sido citado por nenhuma profissional na entrevista, é nítida a diferença técnica entre as educadoras que formaram neste curso quando comparadas a professoras que tiveram uma formação mais aprofundada, o que pode ser observado na prática pedagógica e até mesmo nas intervenções das professoras em reuniões e deliberações entre os educadores.

Além disso, algumas professoras também apresentaram timidez em exercitar a contação de histórias, por relatarem se sentirem incomodadas ao serem assistidas pelos/as adultos/as, já que a contação de histórias geralmente é realizada em eventos que envolvem toda a instituição e os demais profissionais da escola. Este é um ponto que deve ser trabalhado, já que a própria prática docente prescinde a apresentação ao público.

Foi possível notar também a pouca informação que as educadoras tinham sobre o importante papel da contação de histórias na formação dos/as pequeninos/as. Outro ponto que necessita de mudança é o espaço do “Cantinho de Leitura” que existe na instituição, não se configurou como um ambiente favorável para um maior trabalho com a contação de histórias, conforme se pode notar nas fotografias a seguir, esse cantinho foi improvisado no corredor da instituição. Exatamente onde os profissionais transitam é que foi instalada a prateleira com o pequeno acervo. A justificativa apontada foi a de que não há outro espaço para este fim.



Figura 9: Cantinho da Leitura 1
Fonte: Foto tirada pela autora



Figura 10: Cantinho da Leitura 2
Fonte: Foto tirada pela autora

Após a organização dos resultados encontrados, ficou visível a necessidade de intervenções no que diz respeito à prática de contação de histórias na instituição. Por isso iniciou-se a intervenção propriamente dita na escola investigada por meio de um projeto de contação de história nas classes Creche 3A e Creche3B.

Durante os meses de agosto e setembro duas vezes por semana foi ministrada, por mim, a contação de histórias nessas turmas, com encenações, fantoches e outros recursos visuais. As histórias foram de conteúdos variados, buscando também incluir no roteiro conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira, que, apesar de não ser obrigatória na educação infantil¹ é importante para a formação dos pequeninos.

Ao término dos dois meses de investigação, foi realizada uma análise entre o antes e o depois da intervenção. Por meio da observação das salas e dos relatos informais das professoras, constatou-se que houve um maior incentivo e conscientização por parte das docentes que explorar a contação de história é realmente um grande investimento na promoção do desenvolvimento cognitivo e da desenvoltura com a linguagem das crianças.

A abordagem foi feita com exposição dos resultados para as profissionais da escola em 6 palestras, ressaltando a importância da contação de histórias; ao final, oportunizou-se às educadoras, um maior interesse em contar histórias para as turmas e as professoras, auxiliando-as com o fornecimento de materiais e com as próprias histórias, visando criar nelas desenvoltura e segurança nesta prática docente.

¹ De acordo com a Lei Federal 10.639/2003, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio. Porém, sabe-se da importância dos negros para a formação e construção cultural do país, devendo ser tratada e lembrada desde a mais tenra idade, e, portanto, incluída no cotidiano escolar já na Educação Infantil.

3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: BREVE HISTÓRICO

Contar histórias é uma atividade que ocupa a mente e a imaginação humana há milhares de anos. Gente de todos os lugares conta histórias para se divertir, lembrar de episódios vividos e assim passar o tempo. Em todos os tempos existiram contadores de histórias, que contavam em volta da fogueira, nas cozinhas e até mesmo nos intervalos do trabalho.

Antes da invenção da escrita, o ato de contar histórias era o jeito mais importante de passar uma informação adiante. A fala era o principal meio de comunicação e também de narração dos fatos. Referindo-se às culturas orais, Matos e Sorsy (2007) afirmam que “nessas culturas, os anciãos têm um lugar privilegiado porque representam a memória viva de seus antepassados”(MATOS E SORSY, 2007, p. 3). Significa dizer que, quanto mais velho, mais histórias o sujeito teria presenciado e ouvido, sendo a memória do próprio ser humano o maior e mais importante acervo de informações. Souza e Bernardino (2011), destacam que “na idade média o contador era respeitado em todos os lugares por onde ia. Os trovadores obtinham entrada em palácios e aldeias contando histórias do gosto popular”(SOUZA E BERNARDINO, 2011, p. 237).

Verifica-se, assim, que o ato de contar histórias, então, é algo que não vem de hoje, é um hábito desde nossos antepassados, assim como uma herança vinda da oralidade e passada de pai para filho, ou de mãe para filha, ou seja, os contadores de história eram os que passavam para frente os ensinamentos obtidos ao longo dos tempos. Através desta oralidade eram passados para os mais jovens, as crenças, rituais, costumes, valores, conservando assim a cultura dos pais para os filhos.

A respeito dos primeiros contatos da criança com o texto, Abramovich(2009) afirma que este primeiro contato “é feito oralmente através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, histórias inventadas”(ABRAMOVICH, 2009, p. 14).Portanto, a contação de histórias é a mais antiga das artes, sendo que o hábito de ouvi-las e de contá-las tem inúmeras vantagens, desde o desenvolvimento da imaginação, capacidade de ouvir o outro; de se expressar, além de promover a construção da identidade e da afetividade.

Com a criação da linguagem escrita, as informações, especialmente as mais importantes, como por exemplo, as cartas e bilhetes de famílias e até mesmo receitas culinárias, passaram a ser transmitidas por meio desta recente linguagem, poupando a

memória das pessoas. Ainda assim, em muitas famílias, após o jantar, todos se agrupavam ao redor da avó, do pai e da mãe, para ouvir histórias. Havia espaço e tempo no seio da família para compartilhar as experiências e as vivências do dia-a-dia. Havia disposição para ouvir, falar e também compartilhar histórias.

Hoje, os atuais meios de comunicação inovaram a maneira de se ouvir histórias. Souza e Bernardino dizem que “Agora nós não somente ouvimos e lemos histórias, mas assistimos à sua representação audiovisual.” (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 237). Por meio de sons e imagens, de uma maneira tão bonita e fascinante, as novas mídias apresentam as velhas histórias sendo quase desnecessário usar a imaginação ou usar a fantasia. Em contrapartida, os velhos contadores de histórias ficam de lado, não se arriscando mais a abrir a boca diante de modernos meios de comunicação e informação como a TV, internet, vídeos, diferentes tipos de livros como: livros pop-up, aqueles livros que quando viramos as páginas, as figuras sobressaem às folhas; livros sonoros; livros com CD player; etc.

É claro que esses avanços tecnológicos sem dúvida têm contribuído para a ampliação de conhecimentos de milhares de pessoas. No entanto, é preciso atentar que diante do uso descontrolado de tais tecnologias, podemos enfrentar sérios problemas com nossas crianças. Pois, tal como Souza e Bernardino (2011) citam as histórias apresentadas online ou na TV, muitas vezes dispensam o uso da imaginação por darem todas as imagens prontas minimizando, assim, as potencialidades criativas e imaginativas do ouvinte.

Não quero aqui, desvalorizar a tecnologia digital, pois como já afirmei, acredito que ela realmente contribua e faça parte da formação atual da criança, mas sim, ressaltar a importância das técnicas tradicionais de contação de histórias nas instituições de ensino infantil. O que quero colocar em questão, então, é a necessidade de resgatar os hábitos dos profissionais da educação de contar histórias desenvolvendo assim a expressão oral/corporal o desenvolvimento dos sentidos e sentimentos enfatizando a afetividade bem como a interação face a face uns com os outros.

3.1 A CRIANÇA E A FANTASIA: PASSADO E ATUALIDADE, HISTÓRIAS SEMPRE PRESENTES

A concepção de infância dos dias atuais é bem diferente de alguns séculos atrás. É importante ressaltar que a visão que se tem da criança é algo historicamente construído, por isso é que se pode perceber os grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos. O que hoje, para muitos, pode parecer uma aberração, como a

indiferença destinada à criança pequena, há séculos atrás era algo absolutamente normal. Por maior estranheza que se cause a humanidade nem sempre viu a criança como um ser em particular, e por muito tempo a tratou como um adulto em miniatura.

As grandes transformações sociais ocorridas no século XVII contribuíram decisivamente para a construção de um sentimento de infância. As mais importantes foram as reformas religiosas católicas e protestantes, que trouxeram um novo olhar sobre a criança e sua aprendizagem. Outro aspecto importante é a afetividade, que ganhou mais importância no seio na família e o trabalho com fins educativos sendo depois substituído pela escola, que passou a ser responsável pelo processo de formação.

Entretanto, é visível, que essas mudanças não são apresentadas de forma homogênea, nem mesmo no interior de uma mesma sociedade. É possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas, dependendo da classe social, do grupo étnico do qual fazem parte. Muitas crianças pequenas brasileiras enfrentam um cotidiano bastante adverso levando-as desde muito cedo a precárias condições de vida: ao trabalho infantil, ao abuso e à exploração por parte de adultos/as. Já outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e até mesmo da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu bom desenvolvimento. Essa dualidade infelizmente apresenta a contradição e um grande conflito de uma sociedade que revela imensa desigualdade social.

Hoje, a criança é vista como um sujeito de direitos, situado historicamente e que precisa ter as suas necessidades físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais supridas, caracterizando um atendimento integral da criança de modo que tenha todas as suas dimensões respeitadas.

De acordo com Ariès (1978), “O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem.” (ARIÈS (1978, p. 99).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) afirma que

As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. E constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com outras pessoas e com o meio em que vivem, revelando seus esforços, para compreenderem as relações contraditórias que precisam. Por meio de brincadeiras, as crianças explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. Neste processo de construção de conhecimento, as crianças se

utilizam das mais variadas linguagens e exercem a capacidade que possuem de ter idéias, estratégias e hipóteses originais sobre aquilo que as conflitam (BRASIL, 1998, v.1, p.21)

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), a criança é um sujeito histórico de direitos. E, nas interações, relações e práticas cotidianas, que vivencia, “ela constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2010, p.86)

Portanto, compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças de serem e estarem no mundo é o maior desafio dos profissionais da Educação Infantil. “Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc., possam ser de grande valia para desvendar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças.” (BRASIL, 1998, v.1, p.21)

3.2A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ouvir histórias é um modo de entrar em um mundo de fantasia e curiosidades, que diverte e que pode também ensinar. É nessa relação lúdica e prazerosa da criança com as histórias lidas/contadas pelo adulto que temos uma das possibilidades de formarmos o leitor. É na exploração da fantasia e da imaginação que se instiga a criatividade e se fortalece a interação entre texto e ouvinte. Afinal, quem não lembra com nostalgia das histórias lidas e ouvidas quando crianças?

Faz-se necessário, então, saber e entender a real importância da contação de histórias na vida de uma pessoa desde sua fase inicial, mais especificamente na Educação Infantil, para que as práticas de trabalho com o ouvir e contar histórias nesta etapa escolar sejam desenvolvidas cotidianamente.

A contação de histórias é essencial na Educação Infantil, pois através de sua ludicidade estabelece relações entre o contador de história e seus ouvintes, possibilitando que as crianças se relacionem com o meio em que estão inseridos, com os colegas e com o próprio contador. Esse relacionamento é basilar para o desenvolvimento integral do indivíduo, especialmente desenvolvendo seu gosto pela leitura. A esse respeito, Abramovich (1989) dialoga com seu leitor afirmando o seguinte “Ah! Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para

ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.” (ABRAMOVICH, 1989, p. 16). A autora ainda acrescenta que ouvir histórias é um acontecimento muito prazeroso que provoca o interesse das pessoas em todas as idades. Para ela se até mesmo os adultos adoram ouvir uma boa história, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa.

De acordo com o RCNEI para que a contação de histórias aconteça, “a organização do espaço físico deve ser aconchegante, com almofada, iluminação adequada e livros, revistas etc. organizados de modo a garantir o livre acesso às crianças.” (BRASIL,1998, p.156).

Percebe-se então a importância da organização do ambiente para inserir a contação de forma confortável e aconchegante, propiciando uma ótima interação entre as crianças e o espaço. Além do ambiente favorável, é importante também que haja todo um preparo do contador e a utilização de vários recursos para instigar a imaginação, a percepção e a curiosidade visual das crianças. Alguns dos recursos utilizados são: fantoches, palitoches, dedoches, máscaras, casinhas de contação, fantasias, entre outros. Além disso, como aponta o RCNEI, é importante disponibilizar livros diversos respeitando assim a faixa etária dos pequenos.

As histórias na educação infantil são fundamentais na formação educacional da criança. Para o desenvolvimento de tal atividade deve ocorrer todo um planejamento, pois se trata de um momento mágico que a criança irá vivenciar e absorver algo que venha a identificar com ela naquele instante.

Coelho (1999) afirma que até os três anos de idade, a criança está na fase pré-mágica. Nesta fase, as histórias devem ter enredo simples e atraente, com situações que se aproximem da vida da criança, da sua vida afetiva, social e doméstica e conter, de preferência, ritmo e repetição. Já dos três aos seis anos, estamos diante da fase mágica. As crianças ouvem com interesse e encanto e solicitam várias vezes a mesma história.

Abramovich(2009) aponta que para contar histórias para crianças é necessário, antes de tudo, conhecer o que se contará. Por isso, é de suma importância que o professor tenha consciência de que contar histórias para os pequenos no contexto da Educação Infantil, não é simplesmente para passar o tempo, essa prática precisa ser de modo efetivo, concreto e principalmente contextualizado. É necessário que o professor insira a contação de história em seu planejamento de aula, apresentando diversos tipos de textos e ou livros para o pleno desenvolvimento da criança.

Experiências felizes com a literatura infantil em sala de aula são aquelas em que a criança interage com os diversos textos trabalhados de tal forma que possibilite o entendimento do mundo em que vivem e que construam, aos poucos, seu próprio conhecimento. Para alcançarmos um ensino de qualidade, se faz necessário que o professor saiba selecionar criteriosamente as obras literárias a serem trabalhadas com as crianças. Ele precisa desenvolver recursos pedagógicos capazes de intensificar a relação da criança com o livro e com seus próprios colegas.

Segundo Sisto (2006), a contação de histórias potencializa o cognitivo, estimula a criatividade, oralidade e imaginação. De tal forma, a educadora carrega uma grande responsabilidade de oferecer possibilidades à criança de se desenvolver através da prática de ouvir histórias. Esta incumbência é ressaltada na fala de Abramovich (1989, p.16), que salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias”, cabendo, então, à educadora criar momentos para que essa prática se efetive.

Percebe-se a importância da contação de histórias para as crianças, principalmente para a Educação Infantil, pois abre vários leques para o desenvolvimento motor, cultural intelectual, além de se apresentar como um momento saudável e lúdico para as crianças.

O RCNEI orienta sobre a organização do tempo no que diz respeito à rotina na instituição de ensino, rotina esta que deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas. Segundo o documento,

A apresentação de novos conteúdos às crianças requer sempre as mais diferentes estruturas didáticas, desde contar uma nova história, propor uma técnica diferente de desenho até situações mais elaboradas que visam a desenvolver aprendizagens específicas. Essas estruturas didáticas contêm múltiplas estratégias que são organizadas em função das interações educativas expressas no projeto educativo constituindo-se em um instrumento para o planejamento do professor. (BRASIL, 1998, V1. P. 54)

Por isso, o educador tem que ter intencionalidade nas suas práticas pedagógicas e é de suma importância que a contação de história esteja inserida no planejamento do professor. Mesmo que a contação de história seja somente para o gosto e o prazer da criança, é necessário que esta intenção esteja inserida no plano da professora.

O RCNEI também sugere que a rotina seja agrupada em três grandes modalidades de organização do tempo: atividades permanentes, seqüência de atividades e projetos de trabalho, sendo que dentro das atividades permanentes existe a roda de histórias. Esta disposição reforça a importância e a possibilidade da prática de contação de histórias na Educação

Infantil. O documento de âmbito nacional destaca que a roda de histórias deve ser uma prática permanente dada à sua relevância e extrema contribuição na formação integral das crianças.

Segundo Barbosa (2006), rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas à rotina são diversas: horário, emprego do tempo, seqüência de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc.

A intencionalidade educativa auxilia na aplicação do objetivo desejado com as crianças. Para que aconteça um momento de interação através da contação de história o professor deve estar atento a rotina e ao planejamento.

Busatto (2006) aponta:

A intenção de inserir a história no contexto escolar é de propiciar, cultura, conhecimento, princípios, valores, educação, ética, além de contribuir para uma boa construção de relacionamentos afetivos saudáveis, como: carinho e afeto, bons tratos, cuidados pessoais, reeducação alimentar, auto-estima, autoconhecimento e convivência social, isto tudo é possível com uma história contada com muita arte, que será fundamental para uma vida feliz e saudável, e para o fortalecimento das crianças na sociedade e inibir a violência, contribuindo diretamente para a formação do caráter e da personalidade e indiretamente para a sobrevivência do homem (BUSATTO, 2006, p.74).

Uma história deve ser contada emocionalmente e não simplesmente apresentada em seu enredo, isto permitirá muitas leituras e muitos caminhos. Contar uma história é fazer a criança sentir-se identificada com os personagens. É trazer todo o enredo à presença do ouvinte e fazer com que ele se incorpore à trama da história.

Quando a arte de contação de história infantil é colocada pelo educador como recurso pedagógico, a narração trará para cada criança momentos de alegria e sentimento de prazer ao ouvir as histórias ou leituras, além de auxiliar a compreender a si próprio e ao mundo a sua volta. Contar histórias é uma maneira de divertir, de estimular a interação com os outros.

Sisto (1992) ressalta que: "Contar histórias na verdade é a união de muitas artes: da literatura, da expressão corporal, da poesia, da música, do teatro" (SISTO, 1992, p. 23). Não há como ignorar esse quê de performático do contar histórias para atingir uma platéia. Ou seja, a contação de histórias deve levar o ouvinte a "adentrar" no *maravilhoso mundo da contação de histórias*. Isso não pode ser diferente na atuação da educadora, que deve "mergulhar" nas aventuras e viagens do enredo da história e fazer com que os ouvintes também se sintam empolgados com o texto que se transmite.

De acordo com Abramovich (1995):

Ler histórias para crianças, sempre, sempre ... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento ... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... E assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas.(ABRAMOVICH, 1995, p.17)

Portanto, a conquista do pequeno leitor se dá através da relação prazerosa com o livro infantil, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única, e o levam a vivenciar as emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo assim situações da realidade. Na literatura infantil, a criança aprende brincando em um mundo de imaginação, sonhos e fantasias.

3.3 MÉTODOS FACILITADORES OU IMPULSIONADORES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

As histórias nos abrem as portas para se mergulhar no mundo maravilhoso da ficção onde sonhos e fantasias se concretizam. O RCNEI aponta que a criança se desenvolve a partir da interação com o meio e da necessidade da mediação com o outro. Sendo assim, podemos vislumbrar a contação de história para que ocorram grandes momentos de interação e mediação nos espaços escolares.

Tendo em vista as benesses da contação de histórias, conforme elucidado anteriormente, a educadora de Educação Infantil tem a incumbência de propiciar momentos de aprendizagem através da escuta e vivência de histórias. Segundo Abramovich (2009), ouvir muitas histórias é importante na formação de qualquer criança.

Cabe a educadora a tarefa de elaborar estratégias e técnicas que vão desde a escolha do material, de acordo com a idade das crianças, até o tom de voz, a postura, o planejamento e os conhecimentos prévios necessários à compreensão da história, problematizando situações que façam a criança pensar, fazer descobertas e construir sua aprendizagem.

Entretanto, assim como afirmam Torres e Tettamanzy (2008, p. 3)

Muitos educadores ainda não descobriram o quanto as histórias podem ajudá-los; muitos continuam utilizando as histórias, quando utilizam, apenas para acalmar os educandos e não vêem as várias possibilidades de uma boa história. (TORRES E TETTAMANZY, 2008, p. 3)

Portanto, criar no professor o hábito de incluir a contação de histórias no seu planejamento não é algo instantâneo ou mágico, devem ser construídos conceitos positivos a respeito da contação de histórias para que o próprio educador perceba esta necessidade e possa incluir as histórias em sua prática pedagógica.

Para que o educador vislumbre na contação de história um método eficaz para o desenvolvimento do ouvinte é necessário que ele presencie pelo menos um episódio de contação de histórias, observando o comportamento e envolvimento das crianças e, ao final, veja a empolgação dos ouvintes que se transformam nos próximos contadores e passam a difundir o conteúdo aprendido. A satisfação das crianças e seu envolvimento com a história mesmo após o término do momento da contação, cria no professor uma admiração pela prática e o impulsiona a inseri-la em seu próprio planejamento.

Além disso, como afirmam Souza e Bernardino (2011) “é preciso que haja identificação entre o narrador e o conto” (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 245). A educadora deve gostar da história que conta, ser fascinado por ela para, aí sim, poder fascinar os outros com sua contação. Portanto, para ser uma contadora de histórias, a professora deve conhecê-las, identificar-se nelas e com elas. Ao encontrar contos que o encantem e empolguem será fácil e prazeroso separar momentos para dividi-los com as crianças bem como elaborar e planejar meios de utilizá-los para a formação plena das crianças e, até mesmo, de relacioná-los com os demais conteúdos programáticos indicados para a etapa escolar.

Além de a educadora conhecer os benefícios da contação de histórias e se identificar com uma história para contá-la a seus ouvintes, é necessário que a direção e coordenação pedagógica da instituição valorizem esta prática. Nada mais impulsionador do que um elogio, uma palavra de apoio e incentivo. A gestão escolar precisa considerar as vantagens desta prática e promover feiras e momentos coletivos de contação de histórias, de forma a favorecer esta prática e valorizar o trabalho do professor na contação de histórias e encantamento das crianças e demais ouvintes. Dar crédito e visibilidade para o trabalho do professor é uma forma bastante eficaz para impulsioná-lo e estimulá-lo.

Por fim, destaca-se que a contação de histórias é uma excelente estratégia para a educadora colocar as crianças em contato com o mundo da literatura. Histórias que além de

proporcionar às crianças contato com os livros, proporcionam também momentos prazerosos de afetividade e interação com o narrador e com todos os ouvintes. Narrar histórias se torna mais interessante para as crianças do que as histórias lidas. Sendo as crianças inquietas e difíceis em manter a atenção em uma mesma atividade por muito tempo, o uso de uma boa técnica narrativa poderá evitar a falta de concentração quando o professor for trabalhar a literatura. No entanto, é importante mostrar o livro após a leitura deste para que as crianças percebam de onde vieram as histórias, o que estará estimulando e despertando para que haja interesse de buscar novas histórias e novos livros.

Cabe ressaltar aqui que contar histórias é diferente de ler histórias. Narrar história, existe uma técnica que nos dá a idéia de uma memória preservada através da oralidade. É a capacidade de usar uma linguagem própria da fala, de sugerir oralmente para os ouvintes as imagens e situações contidas na história. É combinar o enredo da história ao registro lingüístico facilitando assim uma melhor compreensão da criança já a leitura da história exige seguir as normas da língua escrita, que tem especificidades próprias que as difere da linguagem falada. Mas, para ambas as técnicas são de suma importância todo um preparo do professor / contador, pois a forma de ler ou de contar é que vai instigar ou não o desejo e o prazer das crianças pelas histórias além de proporcionar momentos ricos de aprendizagem.

Para tanto é necessário que o educador tenha hábito de ler sempre para um melhor desenvolvimento com a literatura no contexto escolar. A prática de leitura do professor precisa ser constante bem como a seleção dos livros para o trabalho com os pequeninos.

Hoje já existem políticas de distribuição de livros para as escolas como *O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)*, desenvolvido desde 1997, que tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura dos alunos. Este programa pode facilitar na prática de uma boa seleção do acervo para o público infantil. Este suporte de material, também se mostra fundamental, sendo motivador o trabalho com materiais apropriados à faixa-etária para a qual leciona materiais de qualidade e interessantes até mesmo para o próprio professor.

4 VIVENCIANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO

Partindo do pressuposto de que a contação de histórias na educação infantil é fundamental para o desenvolvimento completo da criança, inclusive incentivando-as à leitura e tendo em vista que as professoras do CIM Criança Esperança pouco se utilizam deste rico método educativo, propusemo-nos a realizar uma intervenção que vise, através de resultados práticos, comprovar e demonstrar a importância e relevância da contação de histórias no bojo da educação infantil.

Para tanto, pretendeu-se realizar intervenção pedagógica observando-se os resultados nas turmas de Creche 3, turmas estas formadas por alunos de três anos de idade. A instituição possui duas turmas desta faixa etária, identificadas como Creche 3A e Creche 3B. Cada turma é regida por duas educadoras.

Durante todo o ano acontece a “Feira Literária” na instituição. Neste período, as professoras agitam-se com o desejo de enfeitar as salas com alguns personagens de histórias infantis, com a preparação de apresentações das crianças no pátio da escola como a música da Emília do Sítio do Pica Pau Amarelo, ou encenação da história da Dona Baratinha, etc.

Constatai nesta investigação que a realização da “Feira Literária” nunca foi o suficiente para a conscientização das educadoras sobre a importância da contação de histórias como uma ação permanente, pois este é o único momento do ano em que se percebe, de fato, a mobilização e o planejamento da contação de história na instituição. Assim, aproveitei a oportunidade advinda da realização do evento para me envolver com a prática da contação de histórias, principalmente nas turmas observadas.

No mês de agosto, quando as professoras se preparavam com suas turmas, continuei fortemente com a intervenção conversando com as docentes sobre os benefícios da contação de histórias, elucidando que esta oportunidade seria propícia para desenvolvimento práticas como aquelas, com um envolvimento maior dos infantes.

Enfatizamos que conhecer bem a história era fundamental. As professoras estudaram e se prepararam bem para contar seus contos a suas turmas, para que, posteriormente, os próprios alunos apresentassem o enredo ao restante da escola. O envolvimento dos alunos no decorrer dos ensaios, suas manifestações de empolgação e desenvolvimento cognitivo e interpessoal chamou a atenção das professoras, que cada dia mais se dedicavam aos ensaios e preparativos.

Na turma de Creche 3A as educadoras escolheram a história da Galinha Ruiva, enquanto na turma de Creche 3B foi escolhida a história da Dona Baratinha para ser trabalhada na Feira Literária.

Aproveitando, então, os preciosos momentos em que auxiliava as educadoras com os preparativos, frisava sobre a importância da contação de histórias não só no período da Feira Literária, mas sempre e sempre. Relatei a elas as palavras da grande autora Fanny Abramovich que ressalta a importância para a formação de qualquer criança de ouvir muitas histórias. Essas conversas passaram a ser atrativas, possibilitando que eu indicasse a elas até mesmo o suporte teórico que estava sendo utilizado no trabalho.

Chegou o momento da realização da feira, que aconteceu nos dias 14 a 19 de setembro. A apresentação prévia das turmas foi um sucesso, com envolvimento ativo das crianças.

Quando comecei a realizar o projeto de intervenção, me chamou à atenção, o olhar da diretora da instituição, bem como várias outras funcionárias. Eu já não era mais uma simples tesoureira que se importava apenas com a prestação do Caixa Escolar. Mas também me interessava com a formação dos pequeninos.

Estar envolvida com a rotina pedagógica da instituição foi um fato que colaborou para a reflexão das demais educadoras, levando-as a se importar com mais seriedade o trabalho diário com as crianças e principalmente no que diz respeito à contação de histórias.

De acordo com a rotina das turmas de creche 3A e creche 3B bem como o planejamento das educadoras, pude realizar o projeto de intervenção com contação de histórias, a cada dia era levado uma história nova para contar para as crianças. A contação era sempre nos inícios das aulas, logo depois era feito a roda de conversa sobre o que as crianças aprenderam com a história. Os recursos utilizados foram: livros, fantoches, e dramatizações.



Figura 11: Autora contando histórias
Fonte: Foto tirada por funcionária do CIMCE



Figura 12: Autora e colegas encenando história
Fonte: Foto tirada por funcionária do CIMCE

Antes das minhas apresentações, ou seja, antes da contação de histórias, dizia sempre uma frase de algum autor enfatizando o quão importante é contar histórias para as crianças e cada dia usava um autor como, por exemplo: Coelho (2002, p. 14) afirma que “A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral.”

Por meio das intervenções as professoras iam percebendo que o ato de contar histórias contribui muito no aprendizado da criança, entendendo que essa prática cotidiana faz toda a diferença na formação das crianças.

Em uma das intervenções, a educadora da turma creche 3A me abordou fazendo a seguinte pergunta: “qual a maneira mais adequada de se contar histórias”?

A resposta foi baseada nos referenciais teóricos em que pude aprender muito e usei as frases dos seguintes autores:

Segundo Sisto (2006), a contação de histórias potencializa o cognitivo, estimula a criatividade, oralidade e imaginação. De tal forma, a educadora carrega uma grande responsabilidade de oferecer possibilidades à criança de se desenvolver através da prática de ouvir histórias. Esta incumbência é ressaltada por Abramovich (1989, p.16), que salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias”, cabendo, então, à educadora criar momentos para que essa prática se efetive.

Então concluí a resposta dizendo que basta a educadora oferecer possibilidades às crianças de se desenvolverem, através das contações diárias de histórias. A maneira mais adequada fica na responsabilidade de cada educador.

Diante das perspectivas das intervenções, as crianças demonstraram muito interesse, participavam, questionavam despertando nas professoras um novo olhar sobre o ato tão simples, e ao mesmo tempo tão importante que é o de contar histórias.

Durante a intervenção, a coordenadora me propôs contar a história não só para as turmas de creche 3A e B, mas, para toda a escola. Atendi ao pedido e além de preparar a história, separei mais uma frase dos referenciais teóricos:

Abramovich (2009) diz que para “contar histórias para crianças é necessário, antes de tudo, conhecer o que se contará”. Acrescentei que a contação de histórias deve estar presente no planejamento do professor para assim se ter um bom êxito durante a contação.

Logo aproximou a “Feira Literária” que muito me proporcionou momentos riquíssimos com as educadoras junto ao projeto de intervenção. Foi de fato a “Feira Literária” mais proveitosa de todos os tempos tanto para as crianças, como para as educadoras, como para os pais e familiares e também para o crescimento de minha vida acadêmica. Pois hoje

percebo que propor e defender a prática de contação de histórias como um recurso fundamental para o processo de formação das crianças do CIMCE tem sido tarefa de quase todas as professoras inclusive as das turmas de creche 3A e 3B.

Por fim, selecionei algumas das histórias infantis que conheço e montei uma espécie de coletânea em formato de “livro” encadernado (ver anexo). Um dos exemplares foi deixando um no acervo da instituição e outros dois foram doados, um para cada professora que participou do estudo, de forma a incentivá-las a contar histórias, além de ser mais uma opção de fonte para conhecerem as histórias.

Poder influenciar minhas colegas de trabalho com preciosas lições através dos referencias teóricos sobre essa temática tão importante no contexto da educação infantil que é “contar histórias”, foi de grande satisfação e contentamento para minha carreira e trajetória enquanto educadora. Portanto, cremos que devemos propor às nossas crianças um convite para adentrar o mundo da imaginação a cada livro aberto e a cada história contada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi descrito neste trabalho, o objetivo principal foi conscientizar as educadoras do CIMCE a fazer da contação de histórias uma prática cotidiana, bem como conscientizá-las que a contação de histórias é uma forte maneira de e desenvolver nas crianças a atenção, a imaginação, criatividade, contribuindo assim para um melhor desenvolvimento cognitivo.

É importante que vejamos o uso da contação de histórias como elemento de grande relevância na construção da identidade, do conhecimento, na formação do caráter, além de oferecer à criança a possibilidade de explorar o seu “eu” interior proporcionando uma compreensão de si próprio e do mundo.

A princípio, tive certas dificuldades em começar a realizar o estudo investigativo. Percebi que teria que dar muito de mim para ganhar a confiança das educadoras e realmente me doe, estabelecendo uma relação de diálogo e afetividade, respeitando às limitações e condições de cada uma delas.

Acredito que a postura que adotei de me comprometer com o estudo, respeitando a bagagem cultural, intelectual e profissional de cada professora, contribuiu para que a pesquisa fluísse de maneira harmoniosa e muito proveitosa.

Enfim, posso considerar que os resultados deste trabalho, foram extremamente gratificantes, pois foram evidentes as influências da prática da contação de histórias como instrumento também de formação da criança.

Posso afirmar que a dedicação dispensada, o planejamento executado, as técnicas empregadas, as orientações recebidas, as dificuldades encontradas, entre tantas situações vividas durante a pesquisa, foram elementos vitais na realização deste estudo para que o resultado final fosse satisfatório.

Ter alcançado as demais educadoras foi maravilhoso, pois este resultado não só está refletindo na prática das profissionais que foram alvo do estudo como em toda a instituição. Da mesma forma, a pesquisa oportunizou uma reflexão sobre minha formação, como educadora e também como contadora de histórias, ressaltando minha responsabilidade de incentivar a contação de histórias, eis ser ferramenta preciosa para contribuir para formação cultural da criança.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.
- ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. LTC, 1978.
- BASSO, Cíntia Maria. **A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm>. Acesso em: 12. ago. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol.1.
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2006.
- MATOS, Gislayne Avelar; e SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MORAES, Fabiano. **Contar Histórias: A arte de brincar com as palavras**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice. **A arte de encantar: O contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012.
- SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar Histórias: Uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 2000. 10. ed.
- SISTO, Celso. **A arte de contar história e sua importância no desenvolvimento infantil**. 2006. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com.br/celso/ensaios/artecontarhist.pdf>>. Acesso em: 10. ago. 2015.
- SOUZA, Linete de Oliveira de; e BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. In: _____ Educere ET educare: Revista de Educação. UNIOESTE. Vol. 6 nº 12 jul./dez 2011. p. 235-249.
- TORRES, Shirlei Milene; e TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação**. In: _____ Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Sessão aberta PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 01 – jan./jun. 2008. p. 1-8. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27420/000763076.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05. set. 2015.

ANEXO – LIVRO IMPRESSO E ENTREGUE ÀS PROFESSORAS

HISTÓRIAS PARA (RE)CONTAR



Histórias infantis selecionadas por
Andréa Gonçalves Ferreira Ramos

1. Dona Cotinha, Tom e Gato Joca²



Em frente à minha casa tem outra casa, pequena, de madeira, azul com janelas brancas. Está no fim de um terreno enorme com muitas árvores. Para mim aquilo é o que chamam de floresta. Tom diz que é um quintal. Ali mora dona Cotinha, uma velhinha que tem cabelos lilás e dirige um Fusquinha vermelho. Esse passou a ser meu esconderijo. Dona Cotinha sempre aparece com um prato de comida. Diz:

- Vem, gatinho. Olha só o que eu trouxe para você.

Sou premiado com sardinha fresca, atum, macarrão. Tenho engordado além da conta. Dia desses estava tomando sol e ouvi o Tom me chamar. O danado sentiu meu cheiro e descobriu meu segredo. Ele estava no portão quando chegou dona Cotinha, no seu Fusquinha.

- Bom dia, menino - disse ela. Já que está em frente à minha casa, faça uma gentileza e abra o portão.

Tom obedeceu. Dona Cotinha afagou minha cabeça e perguntou:

- Este gatinho é seu?

- Sim, senhora.

- Ele é muito educado.

- Obrigado - disse eu, na minha voz de gato.

- No primeiro dia que o vi por aqui, ele entrou na casa e cheirou tudo. Agora, sempre deixo uma comidinha para ele!

² Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/dona-cotinha-tom-gato-joca-689870.shtml>>.

- Ah! Mas o Joca não come comida de gente, não, senhora. Só come ração - disse o Tom.

- Come, sim, meu filho. E come de tudo.

Dona Cotinha acabava de denunciar minha gula e o aumento de peso. Continuou:

- Passe aqui no fim da tarde. Faço um bolo de fubá com cobertura de chocolate que é de dar água na boca.

Com água na boca fiquei eu. Naquela tarde voltamos à casa de dona Cotinha. Ela foi logo mostrando pro Tom uma coleção de carrinhos antigos. Era do filho dela, que morreu bem pequeno. Depois nos levou para uma sala repleta de livros. Tom ficou de boca aberta e perguntou:

- A senhora já leu todos esses livros?

- Praticamente todos. Ler foi minha diversão, meu bom vício. Infelizmente meus olhos não ajudam mais. Essa pilha que você está vendo aqui ainda nem foi tocada.

Tom começou a ler em voz alta, e sua voz encheu a sala de seres fantásticos. O tempo parou.

Desse dia em diante, à tardinha, eu e Tom tínhamos uma missão. Abrir os livros de dona Cotinha e deixar os personagens passearem pela casa mágica, no meio da floresta da cidade de pedra.

2. Um problema difícil³



Era um problema dos grandes. A turminha reuniu-se para discuti-lo e Xexéu voltou para casa preocupado. Por mais que pensasse, não atinava com uma solução. Afinal, o que poderia ele fazer para resolver aquilo? Era apenas um menino!

Xexéu decidiu falar com o pai e explicar direitinho o que estava acontecendo. O pai ouviu calado, muito sério, compreendendo a gravidade da questão. Depois que o garoto saiu da sala, o pai pensou um longo tempo. Era mesmo preciso enfrentar o problema. Não estava em suas mãos, porém, resolver um caso tão difícil.

Procurou o guarda do quarteirão, um sujeito muito amigo que já era conhecido de todos e costumava sempre dar uma paradinha para aceitar um cafezinho oferecido por algum dos moradores.

O guarda ouviu com a maior das atenções. Correu depois para a delegacia e expôs ao delegado tudo o que estava acontecendo.

O delegado balançou a cabeça, concordando. Sim, alguma coisa precisava ser feita, e logo! Na mesma hora, o delegado passou a mão no telefone e ligou para um vereador, que costumava sensibilizar-se com os problemas da comunidade.

Do outro lado da linha, o vereador ouviu sem interromper um só instante. Foi para a prefeitura e pediu uma audiência ao prefeito. Contou tudo, tintim por tintim. O prefeito ouviu todos os tintins e foi procurar um deputado estadual do mesmo partido para contar o que havia.

O deputado estadual não era desses políticos que só se lembram dos problemas da comunidade na hora de pedir votos. Ligou para um deputado federal, pedindo uma

³ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/problema-dificil-689865.shtml>>.

providência urgente. O deputado federal ligou para o governador do estado, que interrompeu uma conferência para ouvi-lo.

O problema era mesmo grave, e o governador voou até Brasília para pedir uma audiência ao ministro.

O ministro ouviu tudinho e, como já tinha reunião marcada com o presidente, aproveitou e relatou-lhe o problema.

O presidente compreendeu a gravidade da situação e convocou uma reunião ministerial. O assunto foi debatido e, depois de ouvir todos os argumentos, o presidente baixou um decreto para resolver a questão de uma vez por todas.

Aliviado, o ministro procurou o governador e contou-lhe a solução. O governador então ligou para o deputado federal, que ficou muito satisfeito. Falou com o deputado estadual, que, na mesma hora, contou tudo para o prefeito. O prefeito mandou chamar o vereador e mostrou-lhe que a solução já tinha sido encontrada.

O vereador foi até a delegacia e disse a providência ao delegado. O delegado, contente com aquilo, chamou o guarda e expôs a solução do problema. O guarda, na mesma hora, voltou para a casa do pai do Xexéu e, depois de aceitar um café, relatou-lhe satisfeito que o problema estava resolvido.

O pai do Xexéu ficou alegríssimo e chamou o filho.

Depois de ouvir tudo, o menino arregalou os olhos:

- Aquele problema? Ora, papai, a gente já resolveu há muito tempo!

3. Acontece para quem acredita⁴



Era um jovem pescador muito pobre, que vivia sozinho numa praia distante. Tinha um pequeno barco em que saía à noite para pescar e, no dia seguinte, vendia os peixes no povoado mais próximo. Certa vez uma onda enorme tragou o barquinho, mas, na manhã seguinte, acordou em sua cabana miserável e viu que tudo era como sempre tinha sido. Veio à sua lembrança uma bela moça que o socorrera em meio às águas e o carregara para seu palácio no fundo do mar. Nesse momento, riu de si mesmo e disse alto:

- Você sonhou com a Mãe D'Água. Foi só.

Levantou-se para ir tomar água, sua garganta queimava de sede. Quando ergueu a caneca para beber viu um anel brilhando em seu dedo.

- Que é isso?

De repente se lembrou de uma cerimônia em que ele recebera aquele anel, no palácio no fundo do mar.

Uma coisa dessas não podia ter acontecido. Mas o anel continuava um mistério.

Em seguida sentiu uma dúvida terrível: e se estivesse morto?

O jeito era se olhar no espelho, pois ouvira contar que fantasmas não refletem imagem. Claro que era tão pobre que nem tinha espelho em casa.

E se quando fosse vender o peixe no povoado, se olhasse no espelho da barbearia?

⁴ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/acontece-quem-acredita-634302.shtml>>.

Será que tinha pescado alguma coisa? Só se lembrava daquela onda gigante que engolira seu barco. Correu até a praia e não viu o barco. Quem estava lá era a linda moça que o salvara na hora do naufrágio.

Ela sorriu e disse:

- Você não quis ficar na minha casa, vim morar na sua, afinal agora somos casados. Disse isso e estendeu a mão para ele.

Ele viu então que ela usava um anel igual ao que brilhava em seu dedo.

Respondeu:

- Venha.

Caminharam abraçados e, ao chegarem ao lugar onde ficava a cabana, ela não existia mais. Lá, agora, erguia-se um palácio e havia gente entrando e saindo.

A moça disse:

- É o meu povo das águas.

De repente, ele notou que estava vestido com roupas luxuosas em vez dos trapos de antes.

Sem dúvida a Mãe D'Água o escolhera para marido e não havia força humana que pudesse mudar isso.

Viveram felizes por algum tempo. Mas, se ele não tinha gostado de morar no palácio no fundo do mar, ela começou a se cansar de viver em terra firme.

Ficava horas diante do mar rodeada por seu povo das águas. O palácio permanecia abandonado. Ninguém cuidava de nada, tudo era deixado na maior desordem.

Um dia ele pronunciou as palavras fatais que ela o proibira de dizer em qualquer circunstância.

- Arrenego o povo do mar!

Era o que todos esperavam para voltar às profundezas do oceano. Suas palavras valeram como sinal para a debandada.

A moça e todos os serviçais foram cantando para dentro do mar e sumiram nas águas.

O pescador olhou para si mesmo e viu que suas roupas de luxo também tinham sumido. Estava outra vez vestido de trapos. Quando voltou para casa, só encontrou o casebre de antes, não havia nem rastro de algum palácio.

Ao entardecer, sentiu saudades da Mãe D'Água e foi até a beira da praia. Lá estava seu velho barquinho, antes desaparecido. O pescador entrou nele e tomou o rumo do quebra-mar.

De repente uma grande onda o envolveu e seu pensamento foi:

- Será que tudo vai acontecer de novo?

4. Aprendizagem⁵



- Mãe, cabelo demora quanto tempo pra crescer?

- Hã?

- Se eu cortar meu cabelo hoje, quando é que ele vai crescer de novo?

- Cabelo está sempre crescendo, Beatriz. É que nem unha.

A comparação deixa a menina meio confusa. Ela não está preocupada com unhas.

- Todo dia, mãe?

- É, só que a gente não repara.

- Por quê?

- Porque as pessoas têm mais o que fazer,

não acha?

A menina não sabe se essa é uma pergunta do tipo que precisa ser respondida ou é daquelas que a gente ouve e pronto. Prefere não responder.

- Você é muito ocupada, não é, mãe?

- Hã?

- Nada, não.

A mãe termina de passar a roupa e vai guardando tudo no armário.

Enquanto isso, Beatriz corre até o quatinho de costura, pega a fita métrica e mede novamente o cabelo da boneca. Ela tinha cortado aquele cabelo com todo o cuidado do mundo, pra ficar parecido com o da mãe, mas a verdade é que ficou meio torto.

"Nada, não cresceu nada", ela conclui, guardando a fita. E já tem uma semana!

Depois volta para onde está a mãe, que agora lustra os móveis.

- Mãe, existe alguma doença que faz o cabelo da gente não crescer?

- Mas de novo essa conversa de cabelo! Não tem outra coisa pra pensar não, criatura?

Sobre essa pergunta não há dúvida: é do tipo que você não deve responder.

A mãe continua trabalhando. Precisa se apressar. Dali a pouco a patroa chega da rua e o almoço nem está pronto ainda.

⁵ Disponível em :<<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/aprendizagem-634175.shtml>>.

- Mãe!

- O que foi?

- É que eu estava aqui pensando.

- Pensando o quê?

Beatriz não responde. Espera um pouco, tentando achar as palavras certas.

- Vai, fala logo.

- Quando a gente faz uma coisa, sabe, e não dá mais para voltar atrás, entendeu?

- Não, não entendi.

Ela abaixa a cabeça, dá um tempinho e resolve arriscar:

- Então, se você não entendeu, posso continuar perguntando sobre cabelo?

- Ai, meu Deus!

Beatriz deixa a mãe trabalhando e vai procurar de novo sua boneca.

Pega a boneca no colo e diz no ouvido dela:

- Não liga, não. Cabelo de boneca é assim mesmo, cresce devagar, viu?

E com um carinho:

- Foi minha mãe que me ensinou

5. E vem o Sol⁶



Tinham acabado de se mudar para aquela cidade. Passaram o primeiro dia ajeitando tudo. Mas, no segundo dia, o homem foi trabalhar, a mulher quis conhecer a vizinha. O menino, para não ficar só num espaço que ainda não sentia seu, a acompanhou.

Entrou na casa atrás da mãe, sem esperança de ser feliz. Estava cheio de sombras, sem os companheiros. Mas logo o verde de seus olhos se refrescou com as coisas novas: a mulher suave, os quadros coloridos, o relógio cuco na parede. E, de repente, o susto de algo a se enovelar em sua perna: o gato. Reagiu, afastando-se. O bichano, contudo, se aproximou de novo, a maciez do pêlo agradando. E a mão desceu numa carícia.

O menino experimentou de fininho uma alegria, como sopro de vento no rosto. Já se sentia menos solitário. Não vigorava mais nele, unicamente, a satisfação do passado. A nova companhia o avivava. E era apenas o começo. Porque seu olhar apanhou, como fruta na árvore, uma bola no canto da sala. Havia mais surpresas ali. Ouviu um som familiar: os pirilins do videogame. E, em seguida, uma voz que gargalhava. Reconhecia o momento da jogada emocionante. Vinha lá do fundo da casa o convite. O gato continuava afofando-se nas suas pernas. Mas elas queriam o corredor. E, na leveza de um pássaro, o menino se despreendeu da mãe. Ela não percebeu, nem a dona da casa. Só ele sabia que avançava, tanta a sua lentidão: assim é o imperceptível dos milagres.

Enfiou-se pelo corredor silencioso, farejando a descoberta. Deteve-se um instante. O ruído lúdico novamente atraiu o menino. A voz o chamava sem saber seu nome.

Então chegou à porta do quarto - e lá estava o outro menino, que logo se virou ao dar pela sua presença. Miraram-se, os olhos secos da diferença. Mas já se molhando por dentro, se amolecendo. O outro não lhe perguntou quem era nem de onde vinha. Disse apenas: quer brincar? Queria. O Sol renasceu nele. Há tanto tempo precisava desse novo amigo.

⁶ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/vem-sol-634307.shtml>>.

6. Lado a lado, bem bolado⁷



Ricardinho andava sem sorte. Acho até que, se ele fosse jogar cara-ou-coroa ou par-ou-ímpar dez vezes seguidas, perderia todas.

O caso é que ele tinha aprendido que "em cima" se escreve separado e "embaixo" se escreve junto. Mas, na hora de escrever suas redações, ele

seeeempre se confundia e acabava fazendo tudo ao contrário.

Foi queixar-se pra Vovó. Afinal, a Vovó tinha sido professora a vida inteira e sabia tudo, tudinho mesmo de todas as coisas.

- É fácil, Ricardinho - ensinou a Vovó. - Levante a mão esquerda, bem aberta.

- Assim?

- Não. Essa é a direita.

- Então é essa?

- É claro, você só tem duas, não é? A mão esquerda é a que fica do lado do coração.

- E de que lado fica o coração?

- Do lado dessa pintinha que você tem no rosto.

- Ah, ficou fácil! Mas o que tem a ver mão esquerda levantada com "em cima" e "embaixo"?

⁷ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/lado-lado-bem-bolado-634297.shtml>>.

- Veja, querido: seus dedos, "em cima", estão separados e, "embaixo", eles estão juntos, grudados na palma, não estão? Quando você ficar em dúvida, é só levantar a mão aberta, que você nunca mais vai errar! "Em cima" é sempre separado e "embaixo" é sempre junto!

Ricardinho achou genial a idéia da Vovó. No dia seguinte, na escola, tratou logo de contar o novo truque para o Adriano, seu melhor amigo na 1ª série.

- Tá vendo, Adriano? É só levantar a mão esquerda e...

- Não vai dar certo - respondeu o amigo.

- Por que não?

- Porque, se eu levantar a mão esquerda, como é que eu vou escrever? Eu sou canhoto!

- Bom, então levante a direita, que dá no mesmo.

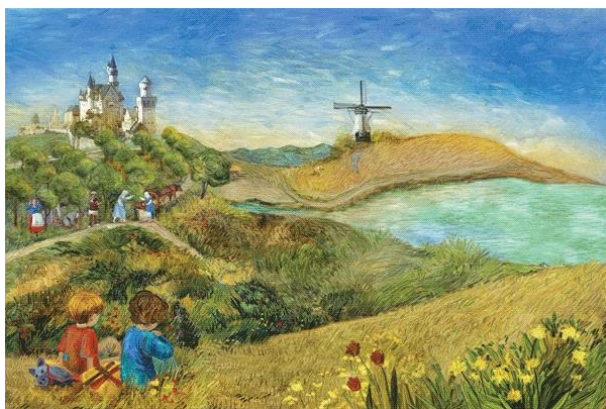
- E como é que eu sei qual é a direita?

- É fácil. Eu, por exemplo, sei que a minha mão esquerda é esta, que está do lado da pintinha que eu tenho na cara.

- Mas eu não tenho pintinha nenhuma na cara - discordou o Adriano.

Ricardinho chegou a sugerir que o Adriano pintasse uma pinta na cara com a caneta, mas Adriano acabou achando mais fácil saber que a mão esquerda era aquela com que ele escrevia e desenhava e a direita era... bom, era a outra!

7. Moinho de Sonhos⁸



A mulher e o menino iam montados no cavalo; o homem ia ao lado, a pé. Andavam sem rumo havia semanas, até que deram numa aldeia à beira de um rio, onde as oliveiras vicejavam.

Fizeram uma pausa e, como a gente ali era hospitaleira e a oferta de serviço abundante, resolveram ficar. O homem arranhou emprego num moinho próximo à aldeia. A mulher se juntou a outras que colhiam azeitonas em terras ao redor de um castelo. Levou consigo o menino que, no meio do caminho, achou um velho cabo de vassoura e fez dele o seu cavalo. Deu-lhe o nome de Rocinante.

Ao chegar aos olivais, o pequeno encontrou o filho de outra colhedeira - um garoto que se exibia com um escudo e uma espada de pau.

Os dois se observaram à distância. Cada um se manteve junto à sua mãe, sem saber como se libertar dela. Vigiavam-se. Era preciso coragem para se acercar. Mas meninos são assim: se há abismos, inventam pontes.

De súbito, estavam frente a frente. Puseram-se a conversar, embora um e outro continuassem na sua. Logo esse já sabia o nome daquele: o menino recém-chegado se chamava Alonso; o outro, Sancho.

Começaram a se misturar:

- Deixa eu brincar com seu cavalo?, pediu Sancho.

- Só se você me emprestar sua espada, respondeu Alonso.

⁸ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/moinho-sonhos-634183.shtml>>

Iam se entendendo, apesar de assustados com a felicidade da nova companhia.

Avançaram na entrega:

- Tá vendo aquele moinho gigante?, apontou Alonso. Meu pai sozinho é que faz ele girar.

- Seu pai deve ter braços enormes, disse Sancho.

- Tem! Mas nem precisava, respondeu Alonso. Ele move o moinho com um sopro.

Sancho achou graça. Também tinha uma proeza a contar:

- Tá vendo o castelo ali?, apontou. Meu pai disse que o dono tem tanta terra que o céu não dá para cobrir ela toda.

- E se a gente esticasse o céu como uma lona e cobrisse o que está faltando?, propôs Alonso.

- Seria legal, disse Sancho. Mas ia dar um trabalhão.

- Temos de crescer primeiro.

- Bom, enquanto a gente cresce, vamos pensar num jeito de subir até o céu! - disse Alonso.

- Vamos!, concordou Sancho.

Sentaram-se na relva. O cavalo, a espada e o escudo entre os dois. Um sopro de vento passou por eles.

Já eram amigos: moviam juntos o mesmo sonho

8. O amigo de Juliana⁹



Juliana tinha um amigo chamado Fungo. Ele morava na casa de bonecas e conseguia até ajeitar-se bem nas pequenas cadeiras e na caminha azul, apesar de ser mais gordo que elas.

Fungo era talentoso. Escrevia poemas, histórias e desejava ser um grande escritor, porém sentia falta de um mestre. Juliana, definitivamente, não podia ser esse mestre, pois prendera a escrever havia pouco tempo. Além do mais, ultimamente a amizade deles andava estremeçada, porque Juliana dava mais atenção às bonecas que a ele. Fungo não entendia qual era a graça que ela via naquelas bonecas mudas, sem cultura e sem sentimentos. Fungo suspeitava que fossem mesmo burras, principalmente aquele boneco Tob, que parecia uma montanha de músculos inúteis, pois nem se trocar sozinho ele sabia. Era uma dependência total, um vexame, e Juliana é que precisava trocá-lo toda vez.

Numa certa madrugada, em que Fungo estava sem sono, viu jogado no chão o caderno de Juliana com uma redação assim:

Fungo leu e achou pobre, mal escrito, com cinco erros de português, além da falta de estilo. Num ato de ousadia arrancou a página e reescreveu a redação do jeito que ele achava que ficava melhor:

Fungo foi dormir orgulhosíssimo de sua redação, feliz com a chance de receber comentários da professora de Português de Juliana, essa, sim, uma verdadeira mestra.

No dia seguinte, a amiga voltou furiosa da escola e proibiu Fungo de escrever uma linha que fosse em seus cadernos, pois os colegas da classe tinham achado que ela estava maluca por escrever tais bobagens. Chateado, Fungo recolheu-se à sua casinha e esperou anoitecer.

⁹ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/amigo-juliana-634215.shtml>>.

Quando Juliana finalmente adormeceu, ele foi silenciosamente até a mochila, apanhou o caderno da menina e leu o comentário da professora:

Redação muito criativa, cheia de imaginação e bem escrita, precisa apenas caprichar mais na letra. Nota dez.

Fungo adorou, achou o máximo e pensou até em entrar para a escola. Claro, só quando a Juliana se acalmasse. Talvez pudesse ficar na classe dentro da mochila, já que os adultos com certeza não iriam entender um monstro culto como ele querendo assistir aula.

9. O baú secreto da vovó¹⁰



Quando eu era menina e sentia medo, no lugar de chorar, ficava com raiva.

Na noite em que descobri o baú de minha avó, eu estava em Santos. Trovejava muito. Apavorada, comecei a gritar que odiava o mar. Foi quando minha avó me chamou e disse.

- Minha neta, você sabia que eu tenho um baú cheio de segredos?

- Como assim? Onde?

- Lá no fundo da garagem.

Pronto. Nada como a curiosidade para espantar o medo. Na garagem, vovó o abriu e retirou de dentro dele uma espécie de régua.

- Você sabe o que é isso?

- Uma régua esquisita - respondi.

- Não, isso é uma palmatória. Quem errasse na escola levava uma batida na palma da mão.

- Não acredito! E por que a senhora guardou este treco horrível?

- Pra lembrar que a gente precisa ser mais forte do que as injustiças. Olhe... meu dedal preferido. Foi com ele que eu costurei esta roupa - e ela me mostrou um vestidinho com uma espécie de short por baixo.

¹⁰Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/bau-secreto-vovo-634306.shtml>>.

- Você jogava tênis, vovó?

- Não, isso é um maiô!

- Você nadava de vestido?

- Sim, e era considerada atrevida. Mas foi assim que conquistei seu avô.

- Nadando de roupa?

- Eu vinha de uma família pobre. Seu avô, não. Ele lia, gostava de dançar.

- E de nadar também?

- Sim, e por isso fiz este maiozinho. Corri até a praia de chapéu. Seu avô estava tomando sol. Fingi que tinha perdido o chapéu no mar. Ele, como era um cavalheiro, veio me ajudar. O chapéu foi parar no fundo. Então apostamos uma corrida para ver quem o apanhava. Ele gostou da minha ousadia.

- Foi assim que vocês começaram a namorar?

- E logo me casei. Guardei o dedal pra lembrar que a gente precisa tecer a felicidade, e o maiô, porque um pouco de coragem não faz mal a ninguém. Olhe esta caixinha de música. Seu avô me deu quando você nasceu. Não é linda?

Vovó mostrou para mim outros objetos e assim fui descobrindo que se não fosse o mar, que eu temia, não haveria o encontro de meus avós e que viver é saber perder o medo de tudo o que a gente nunca espera e nunca vai conseguir controlar.

10. O pobre cocozinho¹¹



Era uma vez um cocô. Um cocozinho feio e fedidinho, jogado no pasto de uma fazenda.

Coitado do cocô! Desde que veio ao mundo, ele vinha tentando conversar com alguém, fazer amigos, mas quem passava por ali não queria saber dele:

- Hum! Que coisa fedida! - diziam as crianças.

- Cuidado! Não encostem na sujeira! - avisavam os adultos.

E o cocozinho, sozinho, passava o tempo cantando, triste:

Sou um pobre cocozinho

Tão feinho, fedidinho

Eu não sirvo para nada

Ninguém quer saber de mim...

De vez em quando ele via uma criança e torcia para que ela chegasse perto dele, mas era sempre a mesma coisa:

- Olha a porcaria! - repetiam todos.

Não restava nada para o cocô fazer, a não ser cantar baixinho:

¹¹ Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/pobre-cocozinho-634325.shtml>>.

Sou um pobre cocozinho

Tão feinho, fedidinho...

Um dia ele viu que um homem se aproximava. Já imaginando o que ia acontecer, o cocozinho se encolheu. "Mais um que vai me xingar", pensou. Mas... Oh! Surpresa! O homem foi chegando, abrindo um sorriso, e seu rosto se iluminou:

- Mas que maravilha! Que belo cocô! Era exatamente disso que eu precisava.

O cocô nem acreditava no que estava ouvindo. Maravilha, ele? Precisando?

Aquele homem devia ser maluco!

Pois aquele homem não era maluco, não. Era um jardineiro.

E, usando uma pá, com todo o cuidado, ele levou o cocozinho para um lindo jardim.

Ali, acomodou-o na terra, ao pé de uma roseira. E, depois de alguns dias, o cocozinho percebeu, feliz e orgulhoso, que, graças a sua força, a roseira tinha feito brotar uma magnífica rosa vermelha, bela e perfumada.